

GEOPOLÍTICA DA GUERRA DA TRÍPLICE ALIANÇA

PAULO FERNANDO RIBEIRO DE SOUZA*
Professor

SUMÁRIO

Introdução metodológica
Etapas da ocupação portuguesa na América do Sul no século XVI –
São Vicente a Pernambuco
Século XVII – Pernambuco à Foz do Amazonas
Século XVIII – São Vicente ao Rio da Prata
As missões jesuíticas espanholas
Os Tratados de Limites Coloniais
As Guerras Napoleônicas na Europa – Invasão da Península Ibérica
Independência do Vice-Reinado do Prata
Formação do Paraguai
Governos paraguaios
Evolução histórica do Paraguai na versão do Governo paraguaio
Conclusão

Análise dos fatores que levaram à Guerra do Paraguai a partir de uma perspectiva geopolítica, numa abordagem que não leva em consideração a pura e simples sucessão de fatos, investigando uma determinada estrutura da História do Brasil.

INTRODUÇÃO METODOLÓGICA

A Geopolítica estuda as relações entre a Geografia e a Política, ou seja, o relacionamento entre o território e o poder dele derivado. É a ciência das relações de poder entre os estados. Entre os princípios da

* Bacharel em História pelo Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialização em Psicologia Positiva pela Universidade Cândido Mendes. Atuou como docente na Escola Naval, no Centro Universitário Augusto Mota – RJ e na Universidade Católica Dom Bosco – MS.

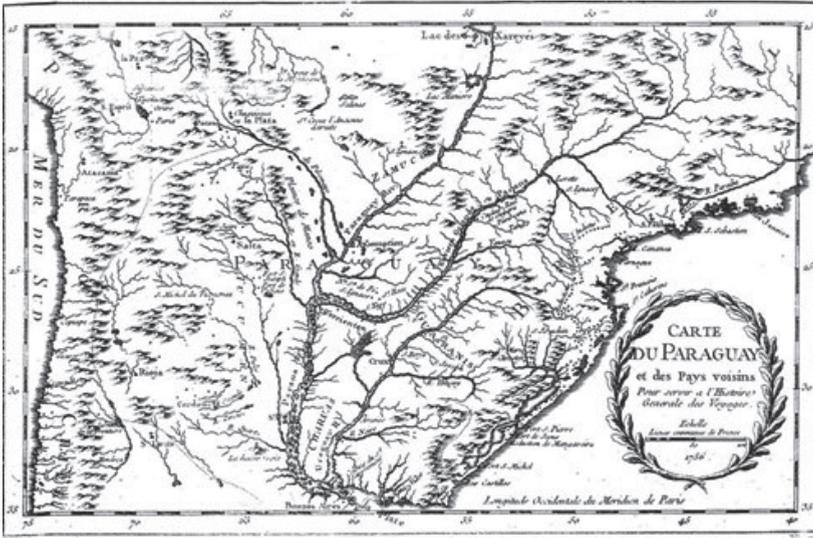


Figura 1 – Mapa do Paraguai e países vizinhos, 1756
(Wikimedia Commons/Echelle/Domínio Público)

Geopolítica, está o que nos remete à ocupação das fozes dos rios, e, por esse princípio, quem tem o domínio da foz de um rio tem o controle de toda a bacia.

No estudo da História existem diversas abordagens. O presente trabalho será conduzido utilizando-se da interpretação da História segundo o francês Ferdinand Braudel, em sua obra *História e Ciências Sociais*. De acordo com Braudel, podemos interpretar a História tendo como parâmetros os seguintes condicionantes:

- os acontecimentos históricos: episódios históricos que se desenvolvem em até uma geração (cerca de 40 a 50 anos);
- a conjuntura: episódios históricos que se desenvolvem entre duas e três gerações (cerca de 100 a 150 anos); e
- a estrutura: episódios históricos que se desenvolvem num período superior a três gerações (mais de 150 anos).

Será dentro dessa perspectiva histórica que vamos analisar o assunto proposto, numa abordagem que analisa uma determinada estrutura da História do

Brasil, ultrapassando a simples lógica da sucessão dos fatos históricos.

ETAPAS DA OCUPAÇÃO PORTUGUESA NA AMÉRICA DO SUL NO SÉCULO XVI – SÃO VICENTE A PERNAMBUCO

Portugal, no século XVI, inicia a ocupação das costas brasileiras com a fundação, em São Vicente, do primeiro povoado, no ano de 1532, e funda a cidade de Salvador em 1548, aquela que seria a nossa capital até o ano de 1763, quando a capital colonial foi transferida para a cidade do Rio de Janeiro.

Durante todo o século XVI, Portugal concentra sua atuação entre São Vicente e Pernambuco, as duas capitânicas que tiveram sucesso, como visto na Figura 2.

A ocupação de Portugal entre esses dois extremos leva ao controle da foz do Rio São Francisco e ao domínio de toda sua bacia. A ocupação é consolidada por meio da expulsão dos franceses do Rio de



Figura 2 – Mapa das capitânicas

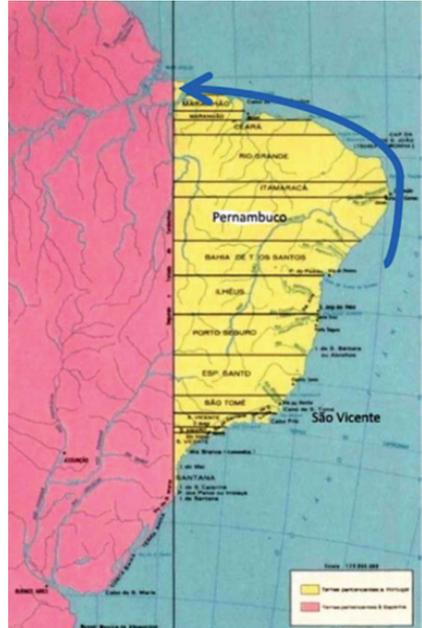


Figura 3 – O mapa destaca o avanço dos portugueses até a Foz do Amazonas

Janeiro, após curta ocupação da Baía da Guanabara, entre 1554 e 1567, resultando na fundação da cidade do Rio de Janeiro. Já no final desse século (1598) é descoberto ouro em Minas Gerais.

SÉCULO XVII – PERNAMBUCO À FOZ DO AMAZONAS

A ocupação do litoral norte do Brasil começa com uma reação à segunda tentativa francesa de se fixar nas costas da América do Sul. Os franceses ocupam a Ilha de São Luiz e fundam a cidade de São Luiz em 1612. Durante três anos, eles mantêm o domínio sobre as terras, mas, em 1615, são expulsos, o que resulta na criação do Estado do Maranhão e Grão-Pará por Felipe II (Felipe III da Espanha) em 1621. Abrangendo o Norte e parte do Nordeste do Brasil, o estado ia do atual Amazonas ao Piauí.

Com a expulsão dos franceses do Maranhão, os portugueses avançam até a foz do Amazonas, destruindo feitorias inglesas e holandesas que tentavam se estabelecer na região. A posse da foz do Rio Amazonas deu aos portugueses o domínio da Bacia do Rio Amazonas, como pode ser visto na Figura 3.



Figura 4 – Criação do Estado do Maranhão e Grão-Pará em 1621

SÉCULO XVIII – SÃO VICENTE AO RIO DA PRATA

A partir do final do século XVIII, Portugal inicia sua expansão para o sul em direção ao Rio da Prata. A fundação da Colônia de Sacramento, no final desse século (1680), marca o início dessa expansão. O propósito português era se tornar um ator importante no sul do continente.

AS MISSÕES JESUÍTICAS ESPANHOLAS

No século XVII chegaram ao Paraguai os jesuítas de origem espanhola. Eles criaram três grandes áreas de ação: no Guairá (PR), no Tape (RS) e no Itatín (Paraguai).

Os jesuítas se empenharam na catequese dos índios, agrupando-os em missões e reduções, exercendo total controle sobre eles. Nessas missões, os índios eram alfabetizados e treinados em diversos ofi-

cios, sempre sob a orientação e liderança dos padres. Chegaram a construir uma civilização que foi apelidada de “República Guarani”. As missões eram alvos constantes dos bandeirantes que procuravam aprisionar e escravizar os indígenas.

As primeiras reduções jesuíticas espanholas foram fundadas no início do século XVII, não chegando a ter grande sucesso, pois, nesse século, a ocupação holandesa em Angola, entre 1641 e 1648, privou os portugueses de sua fonte de escravos africanos.

A lavoura na colônia portuguesa, em toda sua extensão, era provida de trabalho escravo africano. Na sua falta, recorria-se ao elemento nativo. As reduções foram a saída para esse problema, pois os índios já estavam aculturados e disciplinados pelos jesuítas, além de carecerem de defesa contra as armas de fogo. Essas reduções foram destruídas pelos bandeirantes nesse mesmo século, e os remanescentes fugiram para o Itatín (atual Paraguai).



Figura 5 – Guairá, no atual estado do Paraná (Imagem: Preto no Branco)

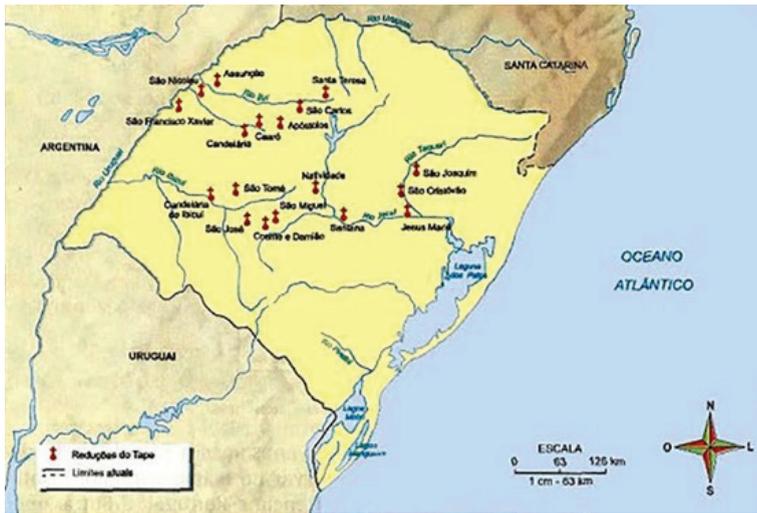


Figura 6 – Tapé, atual RS (Imagem: Atlas Histórico Escolar, 8ª ed., Rio de Janeiro, MEC, 1991)

Pelos mesmos motivos dos ataques a Guairá, essas reduções também foram todas destruídas pelos bandeirantes, e os índios sobreviventes migraram para a margem direita do Rio Uruguai e as margens esquerda (Argentina) e direita (Paraguai) do Rio Paraná.

O mapa da Figura 7 mostra as rotas de ataque dos bandeirantes paulistas às reduções jesuíticas. Pelo mapa, percebe-se que não houve quase nenhuma redução que não fosse hostilizada pelos bandeirantes, que foram responsáveis pela expulsão, à força, dos padres espanhóis de todo o sul do Brasil.

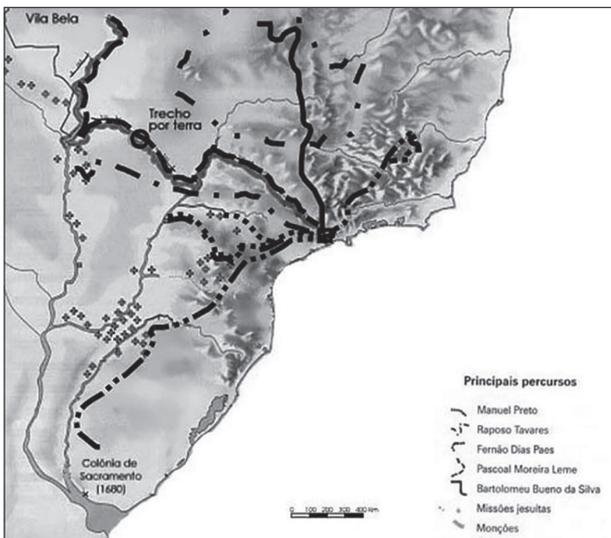


Figura 7 – Rotas de ataques dos bandeirantes paulistas às reduções

OS TRATADOS DE LIMITES COLONIAIS

Tratado de Madri (1750)

Em Madri, a 13 de janeiro de 1750, firmou-se um tratado pelo qual Portugal cedia a Colônia do Sacramento e as suas pretensões no estuário do Prata. Em contrapartida receberia:

– Tapajós e Tocantins, regiões desabitadas e que não pertenceriam aos portugueses se não fossem as negociações do tratado;



Figura 8 – Em destaque, Região do Tapajós e Tocantins (Opinião & Notícia)

– o atual Mato Grosso do Sul, a imensa zona compreendida entre o Alto-Paraguai, o Guaporé e o Madeira;



Figura 9 – Em destaque, região do Alto-Paraguai, Guaporé e Madeira (Opinião & Notícia)

– o atual estado do Rio Grande do Sul, partes de Santa Catarina e Paraná (território das missões jesuíticas espanholas).



Figura 10 – Em destaque, regiões do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná (Opinião & Notícia)

Como podemos perceber, o tratado negociado pelo padre jesuíta Bartolomeu de Gusmão foi altamente vantajoso para Portugal, que viu seus domínios americanos mais que dobrarem.

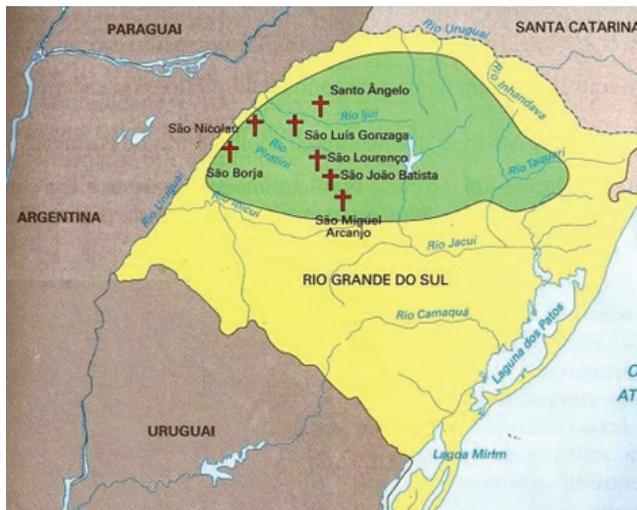


Figura 11 – Os Sete Povos das Missões, 1682-1801

Podemos observar nos mapas das figuras 11 e 12 que a Região dos Sete Povos das Missões passa do domínio espanhol para o domínio português.

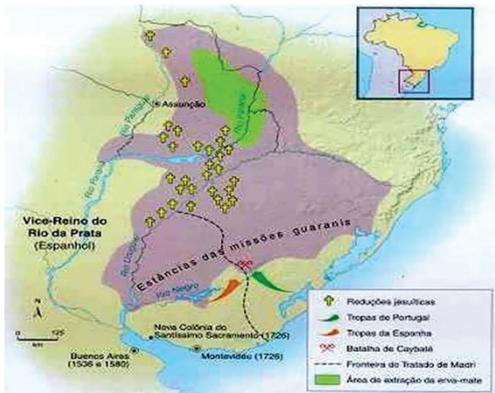


Figura 12 – Guerras Guaraníticas

Temos que levar em consideração a logística para essa mudança. As missões organizadas eram autossuficientes e já estavam estabelecidas havia algum tempo nos mesmos lugares, sendo muito complicada e difícil sua transposição para outra área, por melhor que fosse, sem contar que teriam que começar tudo do início outra vez, implicando o replantio de lavoura e a construção de novas habitações, etapas com altos custos materiais e humanos.

Essas razões levaram os jesuítas a se negarem a fazer essa movimentação, preferindo resistir militarmente, levando-os à resistência e ao conflito militar contra os portugueses e espanhóis, o que ficou conhecido na História como Guerras Guaraníticas (Fig. 12).

Mais bem equipado, o exército europeu, formado por portugueses e espanhóis, massacrou os guerreiros guaranis. Portugal e Espanha acabaram anulando o Tratado de Madri. Contudo não existiam mais condições para a sobrevivência dos

guaranis nas reduções, e os jesuítas foram expulsos do Brasil e acusados de liderar a Guerra Guaranítica.

Os guaranis não aceitaram esse acordo e organizaram um exército para defender suas terras, liderado por Sepé Tiaraju. Assim, em 1754, iniciou-se a Guerra Guaranítica, que durou dois anos, com a derrota e a destruição total das missões. Os sobreviventes da Região dos Sete Povos das Missões se refugiaram ao noroeste, no Itatín.

AS GUERRAS NAPOLEÔNICAS NA EUROPA – INVASÃO DA PENÍNSULA IBÉRICA

Entre 1798 e 1815, as Guerras Napoleônicas assolaram a Europa. A recusa do Príncipe Regente D. João em render-se o levou a fugir para o Brasil, dando início ao nosso processo de independência.

INDEPENDÊNCIA DO VICE-REINADO DO PRATA

Do lado espanhol, foram criadas as Juntas Governativas, que levaram à independência das colônias americanas da Espanha. O Vice-Reinado do Prata fica independente em 1810.

FORMAÇÃO DO PARAGUAI

A Colonização

A formação do Paraguai se dá de modo diverso de todo o continente americano. Do Promontório Murchison, extremo norte no Canadá, ao Cabo Horn, extremo sul no Chile, a colonização do Paraguai teve características completamente diferentes do restante das Américas.

Enquanto no restante do continente houve uma guerra de conquista entre europeus e nativos, no Paraguai houve a união entre os dois. A região do Paraguai, por ser, em sua maior parte, formada pelo *chaco*, região alagadiça, despertou pouco interesse em portugueses e espanhóis.

Como vimos ao longo deste trabalho, os jesuítas espanhóis e suas missões foram, pouco a pouco, sendo expulsos de suas terras originais, não restando outra opção senão ocupar as terras do Itatín, que mais tarde viriam a se transformar no Paraguai.

A Independência

Em 1810, o Congresso de Tucumán torna as Províncias Unidas do Rio da Prata independentes da Espanha. O processo de independência tem características parecidas com o do Brasil. A independência é feita pela Província de Buenos Aires e, no Brasil, pelas então capitânias de Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

Nas duas nações, tanto Rio de Janeiro como Buenos Aires têm que impor sua autoridade sobre o restante do território, fase que ocorre no Brasil durante o Período Regencial, indo até a repressão à Revolta Praieira, em 1848. Esse processo teve pleno êxito no Brasil.

Nas Províncias Unidas do Rio da Prata, não houve o mesmo sucesso. Logo após a independência, em 1810, o Paraguai se desliga em 1811. Nesse mesmo ano, o Brasil ocupa a Banda Oriental do Uruguai por questões geopolíticas, visando

garantir seu acesso à Província de Mato Grosso, à qual não tinha acesso por outros meios. Assim, o antigo Vice-reinado do Prata se dividiu em três partes: Argentina, Uruguai e Paraguai.

A partir da presença da família real portuguesa no Brasil, em 1808, o Príncipe Regente D. João tinha nítida noção do papel a ser desempenhado pelo Brasil na geopolítica sul-americana. As intervenções militares patrocinadas pela Casa de Bragança no Brasil foram direcionadas a impor pela força seus interesses geopolíticos, a começar pelas intervenções na Banda Oriental do Uruguai, a partir de 1811.

Enquanto o Vice-Reinado do Prata estava sob domínio espanhol, o Império português limitou-se à figura de um simples observador, mas, a partir de sua transformação em Províncias Unidas do Rio da Prata, incluindo os territórios da Banda Oriental e do Itatín, começa a reagir, pois a situação impôs uma tentativa de domínio da foz do Rio da Prata, o que impedia o

Enquanto no restante do continente houve uma guerra de conquista entre europeus e nativos, no Paraguai houve a união entre os dois

acesso à Província de Mato Grosso e a parte da Bacia do Prata, dando margem ao seu desmembramento do Brasil e a sua incorporação às Províncias Unidas do Rio da Prata, tirando do país a hegemonia regional e transferindo-a aos platinos. Dentro dessa política de contenção da expansão dos platinos, o Brasil é o primeiro país a reconhecer a independência do Paraguai, logo após a proclamação, em 1810, e a intervir na Banda Oriental, ocupando-a entre 1811 e 1828, além de provocar uma guerra

em 1853, contra Oribe e Rosas, que, pela segunda vez, tentou unir a Banda Oriental às Províncias Unidas.

GOVERNOS PARAGUAIOS

José Gaspar Rodríguez Francia (1811-1840)

Após a independência, o Paraguai é governado por Francia, que fecha o país a influências exteriores. Ditador paraguaio nascido em Assunção, fez com que o progresso e o isolamento internacional do país, incluindo sua militarização, contribuísem para a deflagração da guerra contra a Tríplice Aliança, formada por Brasil, Argentina e Uruguai. Filho de brasileiro, formou-se em Filosofia e Teologia na cidade argentina de Córdoba e ganhou reputação de intelectual íntegro e enérgico, ocupando os cargos de alcaide de Assunção e, depois, deputado, por Buenos Aires, em Cádiz, Espanha.

Após a revolução que libertou o Vice-reinado do Prata do domínio espanhol, foi o principal responsável pelo tratado no qual a Argentina desistiu da unidade e reconheceu a independência do Paraguai. Secretário da junta de governo que assumiu o poder (1811), dois anos depois tornou-se, com Fulgencio Yegros, um dos cônsules que deveriam se revezar no governo do país a cada quatro anos. Ocupando o primeiro mandato, induziu o Congresso a nomeá-lo presidente vitalício, com o título de El Supremo (1814). Como ditador, perseguiu especialmente os jesuítas e todos os que poderiam constituir ameaça à sua permanência no poder.

Inspirado pela Revolução Francesa, proibiu a Inquisição e pôs fim aos privilégios da aristocracia. Conseguiu realizar grandes reformas econômicas e admi-

nistrativas, transformando o Paraguai na maior potência militar latino-americana da época. Adotou uma política de total isolamento, proibiu as imigrações, estimulou a agricultura e a industrialização e tornou obrigatório o ensino primário. Permaneceu no poder até a sua morte, em Assunção.

Carlos Antonio López (1840-1862)

Carlos Antonio López (Assunção, 4 de novembro de 1790 – Assunção, 10 de setembro de 1862) foi um político paraguaio, presidente de seu país. Era o pai de Francisco Solano López.

Na Presidência, impulsionou obras públicas, estruturando o Exército e a Marinha. Em 1848, decretou o fim das missões no Paraguai e estendeu aos índios a condição de cidadãos. Foi responsável por modernização em seu país, como a construção de ferrovias e abertura internacional, entre as décadas de 1840 e 1860.

Sua proposta de modernização, no entanto, foi dificultada pelo governo argentino, que mantinha bloqueado o acesso paraguaio ao Rio Paraná e ao Rio Paraguai havia anos. Com isso, o país de Carlos Antônio López não tinha acesso ao oceano e apresentava dificuldades no comércio exterior.

Francisco Solano López (1862-1870)

Ditador, estadista e herói paraguaio por oito anos, nascido em Assunção, deflagrou a famigerada Guerra do Paraguai contra Brasil, Uruguai e Argentina, que resultou em uma massacrante e humilhante derrota para o povo paraguaio. Filho e sucessor do presidente paraguaio Carlos Antônio López, nomeado general de brigada (1845), foi enviado à França,

onde frequentou a corte de Napoleão III e conheceu a irlandesa Elisa Lynch. Nesse período (1853-1855), estudou o sistema militar prussiano, comprou armas e munições e conseguiu a ratificação de tratados comerciais com a França e o Reino Unido.

De volta a Assunção, foi nomeado ministro da Guerra e da Marinha, iniciando uma modernização do Exército paraguaio, implantando internamente o sistema militar prussiano. Com a morte de seu pai (1862), foi eleito pelo Congresso presidente da República por dez anos. Assumiu o governo e deu continuidade à política de desenvolvimento econômico. Contratou mais de 200 técnicos estrangeiros para introduzir inovações tecnológicas: implantou a primeira rede telegráfica da América do Sul e redes de estradas de ferro; promoveu a instalação de indústrias siderúrgicas, têxteis, de papel e de tinta; investiu na construção naval e fabricação de canhões, morteiros e balas de todos os calibres; e instituiu o recrutamento militar compulsório. Sem contar com um litoral para expandir o comércio externo de seu país, assumiu uma política expansionista diante do Brasil e da Argentina, desencadeando a mais sangrenta das guerras americanas (1864-1870).

Já em guerra contra o governo argentino de Bartolomeu Mitre, com o Uruguai em guerra civil e a intervenção do Brasil nesta luta, julgou o momento apropriado e ordenou a captura do navio *Marquês de Olinda*, que se dirigia ao Mato Grosso pelo Rio Paraguai, desencadeando a Guerra do Paraguai. Com um efetivo de cerca de 80 mil homens, e tendo amplo apoio popular, no início obteve êxitos e deteve as tropas aliadas da Tríplice Aliança, formada por Brasil, Argentina e Uruguai.

Durante cinco anos, com as milhares de vidas perdidas e o conflito evoluindo

desfavoravelmente para o Paraguai, sua posição foi se enfraquecendo, assim como sua popularidade. Para calar os opositores, mandou executar centenas de compatriotas, acusando-os de conspiração (1868), inclusive seu irmão Benigno.

Após a Batalha de Cerro Corá, foi encontrado ferido e sozinho quando tentava atravessar o Rio Aquidabã, procurando fugir do cerco de um destacamento brasileiro comandado pelo General Correia da Câmara, e foi covardemente executado. Conta-se que, ferido de morte pelo soldado brasileiro Chico Diabo, sua última frase teria sido: “morro pela minha pátria”. Com a espada na mão, recebeu o tiro de misericórdia disparado pelo gaúcho João Soares. A frase, pronunciada no dia 1º de março, marcou o fim da Guerra do Paraguai. Como curiosidade, foi registrado que sua espada estava com a ponta quebrada, em carta enviada a Dom Pedro II (1825-1891) pelo comandante em chefe das Operações, o Conde d’Eu (1842-1922), genro do Imperador, casado com a Princesa Isabel (1846-1921).

De uma população inicial de cerca de 1,3 milhão de paraguaios, após a guerra restavam pouco mais de 200 mil. Por muitos anos, López foi retratado pela historiografia apenas como um aventureiro. O julgamento foi revisto, e, atualmente, é considerado um herói nacional. Seus despojos estão guardados no Panteão dos Heróis, em Assunção.

O Brasil é acusado de genocídio nesse conflito por atirar em mulheres e crianças, que López convocou para lutar por não ter mais homens para recrutar para a guerra. O mesmo fato aconteceu na Segunda Guerra Mundial, quando Hitler adotou o mesmo procedimento, porém este nunca foi acusado de qualquer crime por isso.

Os paraguaios consideram que o Tratado de Santo Idelfonso (1777) desmembrou o Paraguai de acordo com o princípio jurídico *uti possidetis*, posse pelo uso, acordado entre Portugal e Espanha, e fez com que as terras efetivamente ocupadas lhes fossem atribuídas.

Em relação à região de Foz do Iguaçu, a questão foi resolvida entre Brasil e Paraguai, com o Tratado de Paz após a Guerra da Tríplice Aliança.

Em relação à Argentina, foi resolvida pelo Barão do Rio Branco no início do século XX.

Desmembramento do Paraguai (1788-1813)

CONCLUSÃO

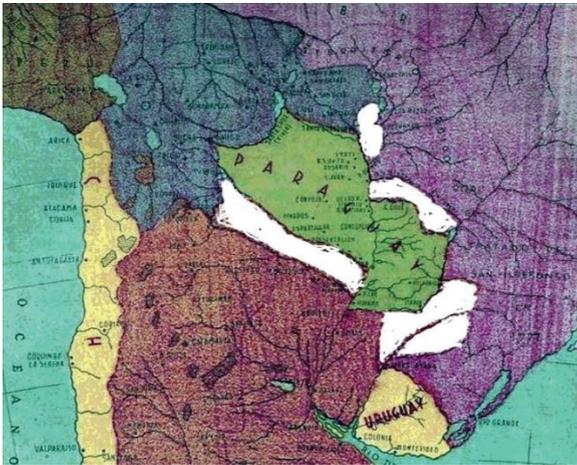


Figura 16 – Desmembramento paraguaio (1788-1813)

Ao analisarmos toda a história da formação do Paraguai, desde as primeiras missões jesuíticas que se fixaram no antigo território do Itatín, podemos afirmar, à vista dos argumentos apresentados, entre os quais os do próprio Governo paraguaio, que o objetivo de Solano López, que ainda está entre os objetivos nacionais paraguaios, seria a reconstituição do Grande Paraguai, tendo como base territorial o atual território paraguaio e todos os territórios ocupados pelas antigas Missões Jesuíticas,

que abrangeria os estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, as províncias argentinas de Entre Ríos e Corrientes e, ainda, todo o território do Uruguai.

que abrangeria os estados brasileiros do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, as províncias argentinas de Entre Ríos e Corrientes e, ainda, todo o território do Uruguai.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRAS>; Guerra do Paraguai;

<HISTÓRIA>; Guerra do Paraguai; História da América; História do Paraguai;

* N.A: Os mapas paraguaios foram obtidos no *site* do Governo do Paraguai. Acesso em: 6 mar. 2018.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLOS ANTONIO LÓPEZ. *Wikipédia*, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Antonio_López. Acesso em: 20 nov. 2017.
- COUTO E SILVA, Golbery. *Conjuntura, Política Nacional, Poder Executivo & Geopolítica do Brasil*, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1981.
- SILVA, Francisco Carlos. Teixeira (organizador). *Enciclopédia de Guerras e Revoluções do Século XX*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- FRANCISCO SOLANO LÓPEZ. *Wikipédia*, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Solano_López. Acesso em: 20 nov. 2017.
- CHIAVENATTO, José Júlio. *Genocídio Americano: a Guerra do Paraguai*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1980.
- MEIRA MATTOS, Carlos. *Geopolítica*. Vol. 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: FGV, 2011.
- MEIRA MATTOS, Carlos. *Geopolítica e Trópicos*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1984.
- FRAGOSO, Augusto Tasso. *História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai*. Vol. 1, 2, 3, 4 e 5. Rio de Janeiro: Bibliex, 2014.
- BRAUDEL, Ferdinand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editora Presença, 1972.
- HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL (mapas). Aman. Resende, 1979.
- HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL (texto). Aman. Resende, 1979.
- JOSÉ GASPAS RODRÍGUEZ FRANCIA. *Wikipédia*, a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/José_Gaspar_Rodríguez_de_Francia. Acesso em: 20 nov. 2017.
- DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- LAINO, Domingos. *Paraguai: Fronteiras e penetração brasileira*. São Paulo: Global Editora, 1979.
- ALBUQUERQUE, Manoel Maurício. *Pequena História da Formação Social Brasileira*. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- TOSTA, Otavio. *Teorias Geopolíticas*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1984.